



6º Simposio de Ensino de Graduação

A IMAGEM DE D. SEBASTIÃO EM “O CONQUISTADOR” E “FREI LUÍS DE SOUZA” ,

Autor(es)

ANA JULIA G DE SANTIS

Orientador(es)

JOSIANE MARIA DE SOUZA

1. Introdução

D. Sebastião e o Sebastianismo

D. Sebastião foi o último rei da Dinastia Avis de Portugal. Ficou conhecido como O Desejado, O Encoberto e O Adormecido. “Desejado” porque acreditavam que seus pais não teriam filhos e, se acontecesse, as terras de Portugal se tornariam de domínio espanhol. Já os títulos “encoberto” e “adormecido” vieram depois de sua partida para lutar em Alcácer-Quibir. Acreditavam que ele retornaria da guerra num dia de nevoeiro para salvar Portugal.

Foi criado por Jesuítas, acreditava que seria um capitão guiado por Cristo em uma cruzada contra os mouros e passava muito tempo sonhando com batalhas, conquistas e expansões. Aos 24 anos, ignorando todos os conselhos de generais, partiu com suas tropas para o Marrocos. Foi aí, na batalha de Alcácer-Quibir, que provavelmente D. Sebastião foi morto – e foi, também, o começo da lenda que o envolve.

O povo de Portugal vê em D. Sebastião um Messias e, por muitos anos, ficou aguardando o rei retornar dessa batalha. Três pessoas disseram, na época, que seriam D. Sebastião. O último, um italiano, foi condenado à forca. Mesmo depois de ser enterrado um corpo que supostamente seria o do rei, o sebastianismo, nome que recebeu a lenda, não foi derrubado e os portugueses continuaram esperando o retorno d’O Adormecido.

2. Objetivos

Neste trabalho, o objetivo é comentar e observar como aparece a figura de D. Sebastião em duas obras, “O Conquistador”, de Almeida Faria, um paródia irreverente sobre o sebastianismo, e “Frei Luís de Souza”, de Almeida Garrett, romance inspirado na história do rei, e, posteriormente, compará-las.

3. Desenvolvimento

O Conquistador, de Almeida Faria

O livro O Conquistador, como já mencionado anteriormente, se trata de uma paródia sobre a lenda que envolve D. Sebastião. Nele, acredita-se que a personagem, homônima do rei e nascida no mesmo dia, seja

a reencarnação d'O Encoberto. A avó de Sebastião, Catarina, já faz com que desde pequeno ele se sinta único, dizendo que foi encontrado numa manhã de denso nevoeiro – como aquela em que acreditavam que retornaria D. Sebastião – dentro de um ovo e seu pai precisara lutar pela sua guarda. A mãe, como nunca concebera um filho, aceitou o bebê. D. Sebastião foi esperado por muitos anos, para que Portugal não caísse em domínio espanhol, mas acreditavam que seus pais não teriam nenhum filho por serem primos de primeiro grau. Sebastião e D. Sebastião, portanto, foram bastante esperados. As semelhanças físicas também aproximam a personagem Sebastião do rei D. Sebastião. No entanto, D. Sebastião, “O Rei Virgem”, pensava só em batalhas e conquistas, mas recusava a união com todas as mulheres que o procuravam, enquanto o Sebastião de O Conquistador era, como o título da história diz, um conquistador. Em certa parte, menciona que não compreendia os heróis, que ficavam tanto tempo na guerra e se privavam dos prazeres que as mulheres podiam oferecer. Ou seja, exatamente o oposto do rei de Portugal.

Frei Luís de Souza, de Almeida Garrett

Frei Luís de Souza é uma peça de teatro ambientada no século XVI. D. Sebastião foi lutar em Alcácer-Quibir e um dos homens que foi com ele era D. João de Portugal, casado com Madalena de Vilhena. Como D. João não retornou da guerra, mesmo depois de muitos anos, Madalena casou-se novamente com Manuel de Souza Coutinho (Frei Luís de Souza), acreditando que o primeiro marido estava morto. No entanto, D. João retorna e desgraça toda a segunda família que Madalena construiu, levando-a, junto com Manuel, ao hábito religioso, e a filha do casal à morte. D. João, aí, aparece associado ao sebastianismo, porém o verdadeiro D. Sebastião é mencionado algumas vezes ao longo da peça. Maria de Noronha, filha de Manuel e Madalena, acreditava que D. Sebastião retornaria, que as crendices populares não eram infundadas. O mesmo dizia Telmo Paes, escudeiro da família, sobre D. João. Para Madalena, o assunto deveria ser dado por encerrado: eram só lendas e todos pereceram em Alcácer-Quibir. O retorno de D. João, conforme é comprovado no desenrolar da trama, desgraçaria a vida da família, por isso Madalena temia pensar no assunto.

4. Resultado e Discussão

Como o sebastianismo aparece em *O Conquistador* e em *Frei de Luís de Souza*

Frei Luís de Souza se passa numa época mais próxima de D. Sebastião, quando o retorno do rei ainda era aguardado por muita gente, e não por alguns poucos crentes, como em *O Conquistador*. Neste, o retorno de D. Sebastião é uma lenda, naquele é uma crença. A figura do próprio rei é pouco mencionada em *O Conquistador*, servindo apenas para comparar a personagem principal da história com O Encoberto, justificando os motivos de acreditarem que um poderia ser a reencarnação do outro, comparando atributos físicos ou mostrando diferenças na personalidade – um, virgem e louco por guerras, outro, “mulherengo” e com uma certa “aversão” a heróis. Porém Sebastião, apesar das diferenças todas, teme morrer cedo, como o precoce rei de Portugal. Em *Frei Luís de Souza*, o próprio D. Sebastião é mencionado também poucas vezes, e em praticamente todas elas fala-se da batalha da qual nunca retornou e do (futuro) mito de que voltaria num dia de nevoeiro para Portugal. A imagem do verdadeiro D. Sebastião é quase igual em ambos os livros, apesar de explorada de maneiras diferentes em cada um deles. Em ambos os livros, existem outras referências ao rei, construídas com base nele próprio e no sebastianismo, e essas referências é que diferem a imagem de D. Sebastião nas duas obras: em *O Conquistador*, é justamente a paródia da vida do verdadeiro Sebastião, que foi misógino e acabou supostamente reencarnado em um mulherengo; em *Frei Luís de Souza* é o sumiço e o retorno de D. João de Portugal, que desgraçaria a família de Madalena de Vilhena, a referência ao sebastianismo. Há diferenças entre os “simbólicos D. Sebastião”: Sebastião aparentemente era querido – nota-se isso pelo ciúme da avó, acima de tudo – e, principalmente, desejado por várias mulheres; D. João foi querido – mesmo Telmo, o escudeiro, admite ao final da história que amava mais Maria do que seu primeiro amor -, mas seu retorno era bastante indesejado, principalmente por sua esposa.

5. Considerações Finais

Devido à grande crença do povo de Portugal no sebastianismo, do próprio D. Sebastião de que era “imortal”, um Messias, e na esperança de salvar as terras portuguesas do domínio espanhol, depositada no rei, o

sebastianismo sobreviveu em Portugal por vários e vários anos, inspirando obras como as duas utilizadas neste trabalho. Uma, um drama sobre a história da batalha de Alcácer-Quibir; outra, uma paródia ironizando D. Sebastião e o sebastianismo. Ainda hoje, muita gente acredita que o nevoeiro trará de volta O Encoberto, mas para a maioria não passa de lenda – lenda que, como podemos ver em O Conquistador, já é motivo de sátiras.

Referências Bibliográficas

GARRETT, Almeida, **Frei Luís de Souza**. São Paulo. Martin Claret. 2004.
FARIA, Almeida, **O Conquistador**. Rio de Janeiro. Rocco. 1993.